

## **Gerson Pompeu Pinheiro e a recepção dos ideais modernos na década de 1930**

Siolari, Maristela

Arquiteta Urbanista Universidade Estadual de Londrina, mestrado e doutorado Programa de Pós-Graduação  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo/ Escola de Engenharia de São Carlos/ Universidade de São  
Paulo

Profa Dra Departamento de Arquitetura e Urbanismo/ Universidade Federal de Viçosa

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Universidade Federal de Viçosa

Av. P. H. Hoffs, s/n.

31 3899-1978

31 3892-3927

[siolari@ufv.br](mailto:siolari@ufv.br)

## **Gerson Pompeu Pinheiro e a recepção dos ideais modernos na década de 1930**

Este trabalho traz uma análise dos conteúdos e significados dos principais artigos publicados por Gerson Pompeu Pinheiro na Revista de Arquitetura e na revista Arquitetura e Urbanismo, em duas fases distintas – antes e depois do concurso do Ministério da Educação e Saúde Pública. Formado pela Escola Nacional de Belas Artes no final da década de 1920, Pinheiro foi um dos principais articuladores da Revista de Arquitetura, nos anos de 1934 e 1935, tendo escrito diversos artigos em favor da Arquitetura Moderna. Após o concurso do MESP, em que obteve terceiro lugar, com a única proposta de concepção moderna entre os projetos classificados, passou a escrever para a revista Arquitetura e Urbanismo, porém não comungando com a linha moderna que começava a se fortalecer em torno de Lucio Costa, após a sua nomeação com responsável pelo projeto do MESP.

Pinheiro defendia a arquitetura moderna destacando o seu vínculo com as mudanças na sociedade contemporânea e denominando-a arquitetura racional, escreveu para a Revista de Arquitetura embasando-se, principalmente, em argumentos de economia e lógica construtiva. Pinheiro criticava fortemente a linguagem moderna desprovida da consciência técnica.

Com o início da publicação da revista Arquitetura e Urbanismo (1936), que também teve como um de seus principais articuladores Gerson Pinheiro, observa-se, de forma mais evidente, distinções dentro do “grupo dos modernos”. Se por um lado, a Revista Municipal de Engenharia (PDF) vinha conformando a vertente hegemônica da arquitetura moderna brasileira a partir do MESP, por outro houve o questionamento de Pinheiro sobre essa vertente em processo de consolidação, que para ele se configurava a partir de soluções formais e da busca por uma expressão nacional, que produzia um maneirismo moderno (surto acadêmico, nas suas palavras), distanciando-se dos propósitos modernos.

Suas críticas, que pareciam se dirigir a um desuso das idéias de Le Corbusier, em que pese às ligações deste com Costa, eram muito interessantes, mas careciam de explicitações. O fato de se ater a detalhes, os beirais, os pilares soltos e, mesmo, as figuras humanas, não deixa de ter alguma propriedade, mas soa como um subtexto de algo que não era explicitado claramente, o que indica a possibilidade de que o desconforto citado também abrangia a autoridade sobre a fala moderna, que naquele momento estava sendo conquistada por Lucio Costa e os outros membros da equipe responsável pelo projeto do MESP.

Palavras-chave: Periódicos de arquitetura. Arquitetura Moderna. Arquitetura Racional.

# Gerson Pompeu Pinheiro e a recepção dos ideais modernos na década de 1930

## APRESENTAÇÃO

A discussão apresentada neste trabalho integra a pesquisa de doutorado “Os periódicos de arquitetura e a formação da arquitetura moderna brasileira: tecnologia e habitação econômica (anos 1920 e 1930)” defendido no Programa de Pós-Graduação, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.

## INTRODUÇÃO

Gerson Pompeu Pinheiro formou-se engenheiro-arquiteto pela Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) em 1929, portanto, anteriormente à passagem de Lúcio Costa pela Direção da Escola, passando a fazer parte do Conselho Nacional de Belas Artes em 1934.

Pinheiro descreveu seu aprendizado na ENBA e contextualizou a sua aproximação frente aos novos conceitos através de uma busca pessoal para obter uma compreensão atualizada da profissão:

*Através dos livros, das revistas, e da razão à qual, submetia judiciosamente tudo quanto via, lia, ou ouvia, fui construindo o edifício da minha doutrina. Nesta fase de construção, tive o concurso inesperado e oportuno da presença de Eugene Steinhof e do notável Le Corbusier (PINHEIRO, 1934a, p. 15).*

Relatou como as novas referências influenciaram a ele e a outros estudantes contemporâneos seu e como ao final do curso, independentemente de sua orientação já se convertia ao modernismo:

*Em minha turma formou-se um pequeno grupo que compreendendo o erro ansiava pela verdade, nos últimos trabalhos que fizemos no sexto ano, tentamos reagir contra os chamados princípios “beaux arts” (PINHEIRO, 1934a, p. 15).*

Gerson Pinheiro enaltecia a passagem de Lúcio Costa pela ENBA, e mesmo com a interrupção de seu trabalho e a volta da Escola aos seus antigos dirigentes, registrava que esses não poderiam mais insistir nos velhos moldes, e acabaram se amoldando à “renovação sadia que se opera inelutavelmente” (PINHEIRO, 1934a, p. 17).

Contemporâneo do período da formação da arquitetura moderna brasileira, Pinheiro foi participante de sua divulgação, desempenhando papel importante em dois periódicos da época - foi o principal colaborador da Revista de Arquitetura, tendo publicado diversos artigos em defesa da arquitetura moderna, e após o concurso de ante-projetos para o Ministério de Educação e Saúde Pública (MESP), passou a escrever para a revista Arquitetura e Urbanismo, da qual foi seu redator-chefe, com uma abordagem inusitada (falta períodos e porque inusitada).

Em que pese sua atuação, atualmente, seu nome é pouco lembrado, por vezes é lembrado em função de sua parceria com Affonso Eduardo Reidy, com quem desenvolveu alguns projetos, que inclusive, entre outros, o projeto do Albergue da Boa Vontade (Rio de Janeiro, 1932).

## FASE 1 – ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA DE ARQUITETURA

Nos artigos publicados para a Revista de Arquitetura, a principal contribuição de Gerson Pinheiro está no reconhecimento da nova proposta para além dos aspectos formais; sua articulação, em prol da nova arquitetura, sempre a relacionava às questões técnicas e econômicas envolvidas, de onde se justificavam, para ele, todos os conceitos. Dessa forma, as suas ponderações articulavam a defesa da nova arquitetura e a crítica à “falsa” arquitetura moderna, que também se fazia presente. Sobre essa abordagem, há um artigo de sua autoria, também publicado no primeiro número da revista “Desfazendo um equívoco”, em que observa:

*Desde que foi iniciado em nosso meio, o movimento renovador, no sentido de racionalizar a arquitetura, existe uma falsa modalidade de construções a que se denomina grotescamente “em moderno”.*

*Semelhante classificação começa a servir, para caracterizar e no sentido pejorativo, a essas grosseiras imitações de arquitetura nova.*

(...)

*Resulta daí, verdadeiros aleijões que se não justificam por motivos de **lógica, economia ou função**, as três grandes **determinantes** da arquitetura racional.*

(...)

*A Arquitetura racional não se amarra a preconceitos, nem a fórmulas preestabelecidas. Por ser livre, respeitando tão somente as razões primárias da arquitetura, isto é, à lógica, à economia, à solidez, é que é **racional** (PINHEIRO, 1934b, p. 34-35).*

O que parece identificar, mas infelizmente, não exemplifica, é que já naquele momento havia arquitetos que tratavam a linguagem moderna como um novo código de soluções e geravam as “grosseiras imitações”. O equívoco desse procedimento indicava um “estilo moderno” que, como tal, execrava. A arquitetura moderna era um todo, as suas formas tinham que ser resultantes do pensamento racional, unificando os meios (racionalidade), com os fins (obras). Para Pinheiro, não havia, portanto, um estilo moderno, mas uma nova concepção, um novo entendimento das novas possibilidades que resultava na nova arquitetura, acompanhando as formulações de Le Corbusier, presentes no livro referência daquele período, “Por uma Arquitetura”.

Contextualiza a apropriação indevida da nova arquitetura como um estilo, ao escrever que a formação dos arquitetos já ocorria de forma equivocada:

*O erro provém do seguinte: em geral, a formação escolar de arquitetura, vinha sendo feita, até o presente, segundo normas absolutamente inverídicas no que se relaciona aos “estilos”.*

*Aqui como alhures, fazia-se crer ao estudante, que o estilo era alguma coisa que se parecia a um modelo de figurino que se escolhia conforme o caso (PINHEIRO, 1934b, p. 34-35).*

Ironicamente, afirmava: “Quem faz arquitetura desse gênero, erra mais, e mais prejudica, do que quem faz ‘normando’ ou ‘Luís XVI’” (PINHEIRO, 1934b, p. 34-35). Concluía defendendo a arquitetura moderna, racional nas suas palavras, o que para ele significava um termo ideologicamente comprometido com uma nova concepção arquitetônica, distinta da que trocava elementos pretéritos, pelos formalmente novos.

No número 3, da mesma revista, inicia-se a publicação da transcrição de uma série de palestras proferida por Pinheiro na Rádio Educadora do Rio de Janeiro. Na primeira delas, “O momento brasileiro na arquitetura” postulava atenção para a questão da moradia:

*De casa, todos necessitam, e do pobre ao rico, todos sabem distinguir a casa confortável da que não oferece conforto.*

*E é essa a finalidade da arquitetura, resolver o problema da moradia (PINHEIRO, 1934c, p. 41).*

O artigo inicialmente parecia estruturar um novo programa para a arquitetura racional, que incluiria a habitação “social”, o que caminharía no sentido de dar substância às suas posições antiformalistas, e a perspectiva programática indicada anteriormente:

*Entretanto devemos reconhecer, que se o público desconhece a existência do arquiteto, este também, além de, muito novo no Brasil, não tem procurado na casa para o homem do povo os alicerces da sua concepção profissional (PINHEIRO, 1934c, p. 41).*

Ao longo do texto, entretanto, a atenção em relação à moradia vai tomando outro significado, o da preocupação com o patrimônio – “(...) uma casa que deveria ser conservada como relíquia do nosso paupérrimo patrimônio artístico (...)” – mais especificamente com a Residência dos Bernadelli, que estava prestes a ser demolida. Não que a questão patrimonial não fosse importante, e sabe-se como Lúcio Costa a tratou de forma específica e integrada a própria arquitetura moderna e a questão da identidade nacional. Mas, nesse caso, não desenvolveu relações entre a produção da moradia econômica com a arquitetura racional, pensada a partir de um novo estatuto disciplinar, como o texto parecia indicar.

Foram três palestras apresentadas na Rádio Educadora em maio de 1933 e transcritas no periódico em 1934: a primeira já citada, a segunda “Arquitetura sua origem e evolução” foi publicada em duas partes, números 4 e 5, agosto e setembro; e “Arquitetura Racional” publicada no número 6, outubro de 1934. Suas palavras condenam os estilos arquitetônicos passados:

*(...) da análise da arquitetura das diversas idades, pode o historiador colher elementos seguros, para a reconstituição das civilizações passadas.*

*(...)*

*A arquitetura que surgiu de então até a grande guerra mundial, nada mais é que um aglomerado de motivos sem a menor correlação íntima* (PINHEIRO, 1934d, p. 21-24).

Entretanto, fez uma ressalva à arquitetura das residências coloniais, e da pureza de suas soluções.

As suas críticas severas à arquitetura “dos estilos” não redundam em uma posição mais clara da arquitetura racional, para além da atualização da linguagem, a partir das novas possibilidades que a época propicia. De todo modo é importante, como dito, a identificação da honestidade e da lógica presentes nas construções coloniais, expressando um pensamento próximo ao das formulações de Costa.

Seria possível, assim, a partir desse trecho isolado, traçar uma relação com o texto de Costa – Documentação Necessária – inclusive pela simpatia que o autor havia demonstrado até o momento pelo arquiteto que promoveu as reformas na ENBA. Entretanto, como será visto mais adiante, essa aparente afinidade de idéias seria negada por Pinheiro anos mais tarde.

Finalizando a palestra, registrou o desenvolvimento técnico e científico, cerne da reação arquitetônica pós-guerra:

*De tudo quanto se verificou nos domínios da arquitetura, depois do Renascimento, só agora – com o mal estar de após-guerra, quando o homem se vê obrigado a solicitar todos os recursos da sabedoria científica, para resolver o problema da sua vida – é que a arquitetura retoma o seu verdadeiro sentido.*

*Foi preciso que viesse a luta, o sofrimento, a desgraça, para que ressurgisse do caos o homem purificado, livre de preconceitos religiosos e sociais, animado a vencer os óbices da vida, com as suas próprias forças. Desse novo rumo, muito pode esperar a arquitetura* (PINHEIRO, 1934d, p. 40).

Em sua última palestra, recorreu a Le Corbusier para evidenciar a arquitetura racional como resposta coerente às necessidades contemporâneas:

*Subordinada aos fenômenos sociais, já vimos que a arquitetura, em toda a história da humanidade, assinala fortemente a natureza e o grau de civilização que lhe é contemporâneo (...).*

*Diz Le Corbusier em um dos seus livros, referindo-se ao momento atual:*

*“há um espírito novo”.*

*“Existe um grande número de obras de espírito novo; elas se encontram sobretudo na produção industrial”.*

*Esse espírito a que se refere o grande arquiteto, é devido quase que exclusivamente ao advento da máquina* (PINHEIRO, 1934e, p. 10).

Ainda reforçando as críticas contra o “falso moderno”, Pinheiro escreveu no número 11, abril de 1935, o artigo “Relativismo e Dogmatismo na Estética da Arquitetura Odierna”, onde mais uma vez proclama contra o uso restritamente formal dos novos ideais:

*O perigo da revolução é o extremismo. Na arquitetura, como em tudo mais, ainda uma vez se observa a verdade do aforismo. Passada que foi a época do dogmatismo acadêmico, após a violenta destruição dos falsos cânones em que ela se estribava, sobreveio o império do dogmatismo racionalista.*

(...)

*É tempo, por isso mesmo, de se iniciar a obra de seleção, e de organizar a doutrina, que discutida ainda nos grandes centros, é entre nós quase ignorada, não obstante a ilusão enganadora das aparências (PINHEIRO, 1935, p. 19).*

Ainda nesse artigo, Pinheiro, em parte de sua exposição, organizava cronologicamente os precursores da “nova causa”, destacando nomes como Frank Lloyd Wright, Otto Wagner, A. Loos, J. Hoffmann e Gropius, além de Le Corbusier, entre outros.

Outras críticas ao “falso moderno” estiveram ainda presentes no artigo “Último Decênio na Arquitetura do Rio de Janeiro”, publicado no número 24, julho de 1936:

*A arquitetura é causa ou efeito no processo da civilização?*

*Depende do ponto de vista do qual se estuda o assunto.*

*Preliminarmente vejamos: se a arquitetura pode representar a civilização de todo um povo, ou se significa apenas a cultura da sua elite.*

(...)

*Ainda não existe uma intelectualidade brasileira, como não existe uma arte brasileira. Conseqüentemente não podemos pretender música, literatura, poesia ou arquitetura nacionais.*

*Existe sim, o intelectual brasileiro, como existe o artista brasileiro, o músico, o literato o poeta arquiteto. (...) filhos do Brasil, mas nenhum deles representa a nossa civilização, porque seria impossível representar uma coisa que não existe.*

(...)

*Infelizmente, no que se refere à arquitetura todas as circunstancias nos têm prejudicado.*

*A princípio o rude Colonial (...). Depois, o academismo eclético do século XIX (...). Agora em mal compreendido modernismo tão cheio de erros e de vícios como o academismo que o precedeu (PINHEIRO, 1936, p. 33).*

Para Pinheiro, não sendo um estilo, o moderno era resultado da aplicação lógica dos meios disponíveis. Nessa interpretação, a causa da arquitetura moderna é pensada em relação a um vínculo verdadeiro, ou honesto, com o momento (o espírito da época), e não é trabalhada como uma “causa” associada às questões sociais, como a da habitação social, e as possibilidades que as novas propostas técnicas e os novos materiais possibilitavam para a resolução, por exemplo, do déficit habitacional e da organização urbana. Do ponto de vista moderno, isso não era equivocado, ou seja, a dimensão social de uma obra também deveria se dar formalmente em relação às novas possibilidades construtivas e à linguagem que elas implementavam ou indicavam. Ao que parece, tendo como pano de fundo as ações do governo Vargas em prol da constituição de uma identidade nacional, observava com desconfiança as possibilidades da constituição de uma cultura nacional (a citação da arquitetura colonial apontada não voltaria a ser desenvolvida), ao menos naquele momento, ao mesmo tempo que verificava uma má compreensão do “jovem” modernismo brasileiro. Entretanto, não forneceu elementos concretos, obras e projetos, que pudessem servir de identificação dos problemas.

### **INTERVALO: SOBRE O CONCURSO MESP**

Em meados de 1935, o concurso para o projeto do Ministério da Educação e Saúde Pública era discutido em diversos periódicos, gerando grande expectativa o veredicto do júri quanto ao projeto vencedor. Especialmente, discutia-se qual o “estilo” que caracterizaria a proposta a ser escolhida. Dos 35 projetos submetidos, segundo o edital cinco poderiam ser classificados para a segunda etapa, de desenvolvimento do projeto executivo, entretanto, foram destacados apenas três: ‘Pax’, ‘Minerva’ e ‘Alpha’.

A sucessão de fatos que levou à remuneração dos classificados e à não contratação do projeto vencedor é conhecida, principalmente, a dimensão da atitude do Ministro Capanema, em contratar diretamente Lúcio Costa, bem como a repercussão que a obra Costa conheceria nos anos seguintes. Mas sobre as discussões acerca do resultado do concurso e a decisão por não acatar o projeto premiado, cabe verificar de que forma essa passagem foi descrita naquele momento pelos periódicos.

A Revista da Directoria de Engenharia – PDF não apresentou nem comentou os projetos classificados e fez a divulgação de dois projetos que participaram do concurso e não obtiveram êxito na seleção, com comentários e descrições que acompanharam as ilustrações das propostas. O primeiro de Reidy e o segundo de Jorge Machado Moreira e Ernani M. de Vasconcelos, ou seja, três dos nomes que mais tarde viriam a compor a equipe coordenada por Lúcio Costa para elaboração do projeto definitivo do ministério.

Ao final da apresentação da proposta de Reidy, criticava-se o resultado:

*A Comissão julgadora (...) como já era esperado, decidiu-se pelas soluções tradicionais de áreas internas. Foram classificados 3 projetos, entre os quais só existe a seguinte analogia:*

*desprezo absoluto quanto à orientação solar e adoção de respectivamente, 1, 2 e 7 áreas internas* (REVISTA DA DIRECTORIA DE ENGENHARIA, ano 4, n. 18, p. 513, setembro de 1935).

A revista criticava os projetos premiados, não deixando de ser estranho o fato de que entre esses estava o de Gerson Pompeu Pinheiro, que obteve o terceiro lugar. É necessário lembrar a parceria entre os dois arquitetos até poucos anos antes.

A Revista de Arquitetura apresentou e divulgou imagens dos projetos classificados: o projeto Pax, de autoria de Archimedes Memória, então diretor da ENBA; Minerva, de autoria de Raphael Galvão, também arquiteto de longa prática profissional que tivera vários projetos já publicados, especialmente na revista *Architectura no Brasil*; e o projeto Alpha, o único dos classificados de extração moderna, elaborado por Pinheiro, como visto, articulista da revista e um dos mais jovens concorrentes.



Figura 1 - "Alpha" Projeto de Gerson Pinheiro para o Ministério da Educação e Saúde Pública.

Fonte: REVISTA DE ARQUITETURA, n. 15, p. 13, agosto de 1935.

Os periódicos, estranhamente, não divulgaram o resultado final da segunda etapa do concurso, em que os três projetos apresentados obtiveram a classificação final na mesma ordem, sendo vencedor, portanto, o projeto "Pax", nem tampouco divulgaram sua não contratação. Em nenhum momento foi comentado o abandono do projeto premiado. Já o projeto elaborado pela equipe organizada por Lúcio Costa – Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Ernani Vasconcellos, Jorge Moreira e Oscar Niemeyer – foi bastante divulgado em veiculados na época durante sua construção.<sup>1</sup>

O que intriga, entretanto, é a condição com que Pinheiro – que, apesar de ter sido premiado em terceiro lugar, com o único dos projetos classificados correspondendo à arquitetura racional, não integrou a equipe coordenada por Lúcio Costa. Ao que parece isso impactou o posicionamento do

---

<sup>1</sup> Vale registrar que o anteprojeto moderno de Gerson Pinheiro é muito pouco conhecido. Por exemplo, o livro de Yves Bruand "Arquitetura Contemporânea no Brasil", um dos marcos da historiografia da arquitetura moderna brasileira, no capítulo "A transformação decisiva (1930-1944)" apenas informa as características do projeto vencedor.

arquiteto que voltaria a escrever, mas já não na defesa irrestrita da nova arquitetura, pondo em cheque algumas características do seu desenvolvimento no país.

## **FASE 2 – ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA ARQUITETURA E URBANISMO**

Após um período sem escrever, Gerson Pinheiro publicou na revista Arquitetura e Urbanismo o artigo “Estrutura Livre”, em que questionava as doutrinas de Le Corbusier. Nesse texto, criticava a formalização do conceito de estrutura livre associado a predicados como economia, flexibilidade e liberdade de fachada:

*Ela requer, pelo modo por que surgem no interior dos compartimentos, seções circulares para as colunas de concreto armado; ora, é sabido que uma das verbas mais sensíveis no orçamento do esqueleto da construção, é a relativa às formas, não só pelo material que requer, como pela mão-de-obra que deve ser cuidadosamente executada. Não é preciso ter conhecimento do assunto para compreender que a execução de peças cilíndricas em concreto armado é muito mais dispendiosa que a de corpos prismáticos (PINHEIRO, 1937, p. 173).*

Pinheiro utilizou a expressão “estrutura incorporada” àquelas que têm as colunas prismáticas “encaixadas na parede”, ou seja, não é a estrutura independente que é questionada, mas a concepção arquitetônica de “soltar” o pilar e revelar a independência entre a estrutura e a vedação.

Em relação à flexibilidade, era ainda mais crítico:

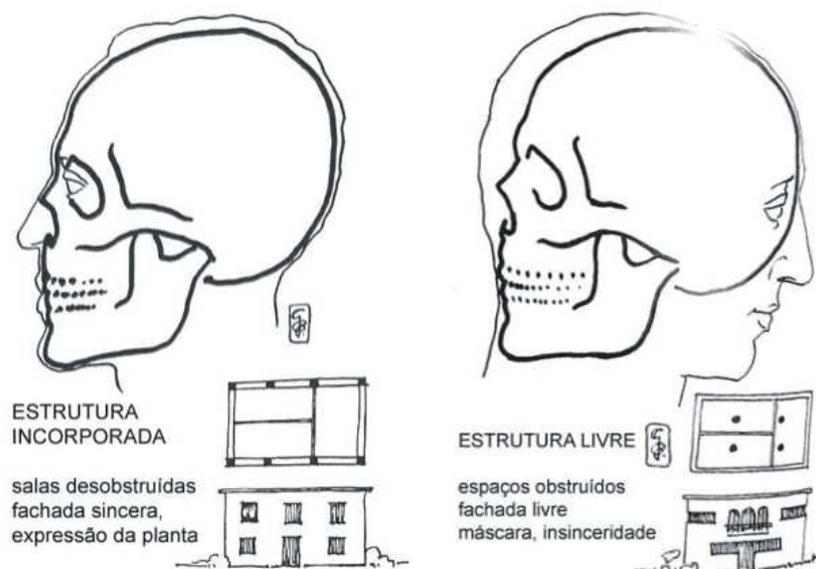
*Quanto à flexibilidade, virtude tão alardeada, que lhe atribuem, mais discutível se torna a sua aceitação. Da forma por que se encaminham os seus adeptos, dias virá em que o arquiteto deverá ser honestamente substituído por dois outros profissionais: o calculista de arcabouços e o desenhista de fachadas (...).*

*Teoricamente, para cada caso, deve existir uma, e apenas uma, solução perfeita. Se bem que, na prática não se possa chegar a semelhante rigor, procura-se dentro do relativismo imposto pelo bom senso, alcançar aquele resultado.*

(...)

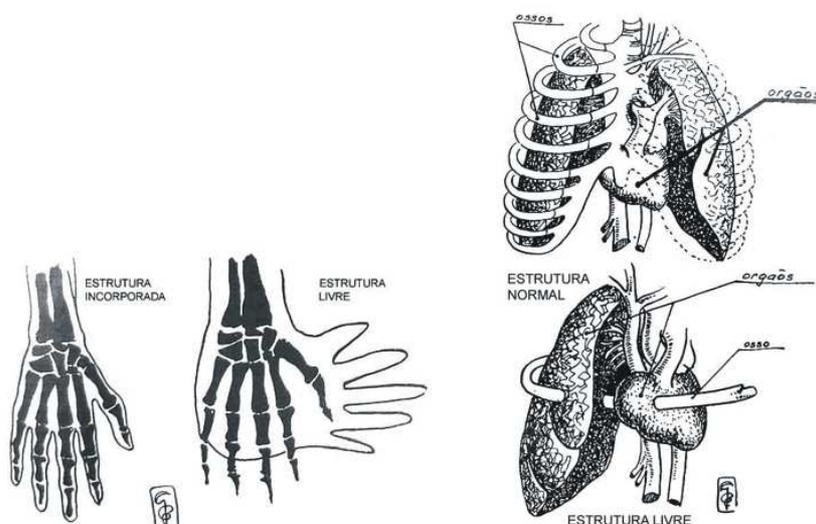
*Maleabilidade, plasticidade, flexibilidade, são atributos que não se ajustam com o espírito e a finalidade da arquitetura. Uma parede tem o seu lugar e um só (PINHEIRO, 1937, p. 173).*

Nesse trecho, fazendo a defesa da forma como resultado da função, apontava a contradição, para ele, “lógica” entre essa noção e a “planta livre” e flexível, nesta linha, também, criticava a “fachada livre”. Ilustrou seus argumentos com várias imagens relacionando “incoerência” dessa independência com o corpo humano, reafirmando o próprio jargão da arquitetura moderna – a forma segue a função.



Figuras 2 - Estrutura incorporada/ Estrutura livre.

Fonte: ARQUITETURA E URBANISMO, v.2, n. 4, p. 174, julho/agosto de 1937.



Figuras 3 - Estrutura incorporada/ Estrutura livre.

Fonte: ARQUITETURA E URBANISMO, v.2, n. 4, p. 175, julho/agosto de 1937.

E na seqüência concluí:

*A sinceridade plástica, um dos mais belos apanágios da boa arquitetura perde a sua significação. A fachada é livre, isto é, dissocia-se completamente da planta, torna-se uma perfeita máscara. Alargam-se os horizontes para os decoradores, os cenaristas, os “fachadistas” (PINHEIRO, 1937, p. 175).*

No ano seguinte, para o número de maio/junho de 1938, quando já assumira o cargo de Redator-Chefe da revista Arquitetura e Urbanismo, Gerson Pinheiro escreveu o artigo “Resumo à casa

brasileira”. Nele, narrou algumas das condicionantes que julgava pertinentes para o desenvolvimento de um projeto de moradia no contexto carioca: situação do terreno, condições de economia e programa doméstico de habitação. Assumia que, diante desses fatores, multiplicavam-se os casos que deveriam ser analisados distintamente.

Aborda, principalmente, às questões relacionadas à economia da obra, expondo mais uma vez sua opinião sobre: “A estrutura independente, (...) absolutamente condenável por desnecessária em edifício desse porte, e por criar obstáculos ao aproveitamento dos interiores” (PINHEIRO, 1938, p. 114). A crítica parece dirigir-se ao uso abusivo do pilar solto, ou melhor, de uma rede de pilares soltos, conformando a estrutura, em edifícios de dimensões relativamente exíguas. A ausência de exemplos torna a questão abstrata, ainda que a referência à formalização da estrutura independente, como divulgada por Le Corbusier nos famosos cinco pontos, e à sua realização no projeto do MESP pareça clara.

O artigo continua abordando sobre as vantagens da utilização de esquadrias de madeira comparadas com as de ferro, que teriam custo mais elevado e estariam sujeitas à oxidação, sobre a relação entre as aberturas e a orientação solar e sobre as coberturas, quando afirmou que o uso de beirais e pingadeira era indispensável para a boa conservação das edificações.

Em suas conclusões, voltou a afirmar a inexistência de uma arquitetura brasileira: “semelhante fórmula é comum entre os poucos informados sobre o assunto, ou nas expansões de sabor litero-patriótico”. E nesse ponto chegou aonde parece ser o principal motivo de seu texto, a crítica à formulação de Lúcio Costa em seu artigo “Documentação Necessária”, publicado no primeiro número da “Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”, no ano anterior, 1937.

*Não será fazendo o elogio da ingenuidade dos índios e dos pretos, nosso primitivos operários, e do mestre de obras, (este, a meu ver, fenômeno histórico inevitável, mas nem por isso louvável), que se chegará a um resultado positivo.*

*Numa atitude estranhamente paradoxal, faz-se referências a um passado paupérrimo e qualidades arquitetônicas, e elege-se Le Corbusier para modelo invariável.*

*Não se tome essas minhas restrições à conta de desamor ao mérito do eminente arquiteto francês. Lastimo apenas a volubilidade com que se anulam personalidades capazes de participar na estudo da Arquitetura para o Brasil. Fosse Le Corbusier brasileiro e ele não faria o que se vê...*

*Se quisermos recolher a “**documentação necessária**”, caminhemos à luz da moderna técnica dentro da realidade brasileira, e convenhamos que para achar a solução indicada não precisamos recorrer aos modelos alienígenas ou ao exemplo colonial e sim aos*

*métodos de probidade e estudo que norteiam os trabalhos de profissionais estrangeiros que todos nós sabemos admirar*<sup>2</sup> (PINHEIRO, 1938, p. 114).

Fica evidente na argüição o ataque às relações que Costa elaborava entre o modernismo de raiz mediterrânea (corbusiano) e a arquitetura colonial, de certa forma invertendo o seu pensamento esboçado anteriormente na Revista de Arquitetura.

Há uma passagem no periódico do número de setembro desse ano que parece justamente questionar a produção de Costa como arquiteto e suas formulações, conforme criticado. Sem uma referência clara de autoria da matéria, são apresentadas as imagens das residências neocoloniais de D. Adelaide Daudt de Oliveira e de Dr. João Daudt de Oliveira, projetadas por Costa, e um desenho de Heza Heller do Ministério da Educação e Saúde Pública em construção. A diferença explorada nas imagens parece expressar a não-relação entre as concepções, portanto o equívoco em se recorrer “ao exemplo colonial” sem perceber a própria realidade construtiva.



Figuras 4 - Residência D. Adelaide Daudt de Oliveira e Residência Dr. João Daudt de Oliveira – projeto de Lúcio Costa e F. Valentim.

Fonte: ARQUITETURA E URBANISMO, v. 3, n. 15, p. 238-239, setembro de 1938.

Com o artigo “Depoimento esclarecido”, publicado em janeiro/fevereiro de 1939, Gerson Pinheiro voltou a questionar a arte e arquitetura nacionais de acordo com os moldes que vinham sendo propostos. Para tanto, apoiou-se em várias citações de um falecido professor da ENBA – Modesto Brocos –, que em seu livro “Retórica dos pintores” (1933) escreveu o último capítulo “Sobre a questão da arte nacional”. As palavras de Brocos serviram para Pinheiro corroborar suas

---

<sup>2</sup> Grifo nosso.

colocações, já defendidas, da inexistência de uma arte ou arquitetura brasileira gerada pelo esforço ou vontade de “nacionalistas extremados”.

Seu último artigo publicado na década de 1930 foi “Clássico e Moderno”, em setembro/outubro de 1939. Nesse texto, fez uma definição específica dos termos “clássico” e “moderno” e os empregou em exemplos da moda e das artes plásticas daquela época. A partir daí, retomou a crítica ao que considerava “falso moderno”, por não estar de acordo com os preceitos iniciais da proposta, no que diz respeito novamente às técnicas e à lógica construtiva.

*O século XX nasceu com as maiores conquistas do gênio humano. As intervenções teriam que causar sérias transmutações no organismo econômico social da humanidade. O declínio do sentido religioso, a preferência pelas atividades esportivas, o aumento de intercâmbio por meio da aviação e do rádio e muitas outras transformações deram causa ao aparecimento de um homem de sensibilidade até certo ponto diferente. Para ele e por ele foi imaginada a “máquina de morar” de que nos fala Le Corbusier (...).*

(...)

*Na arquitetura onde a técnica e a arte têm que se associar para realizar obra definitiva, é bem compreensível o aparecimento de uma nova linguagem plástica. Para isso muito contribuiu a invenção do concreto armado que foi a princípio uma insinuação ao gênio criador dos arquitetos, para se transformar depois em matéria indispensável à realização das suas novas concepções (PINHEIRO, 1939, p. 633-634).*

Os argumentos, até então, embasavam e legitimavam a arquitetura moderna. A continuidade aponta uma “rotinização” dos procedimentos que se relacionavam de forma problemática com as concepções modernas, o que estava acarretando uma precoce hegemonia de uma vertente moderna, que não se diferenciaria, conceitualmente, de um surto acadêmico qualquer. Ou seja:

*Devemos registrar que em relação à arquitetura, aquelas preocupações de racionalismo e função tendem a desaparecer. Já não existe mais a intenção de associar a plástica do edifício aos processos de construção. A técnica tem que, cada vez mais, se aperfeiçoar para atender às exigências dos arquitetos modernos subordinando-se ao seu gênio criador.*

*Presentemente, no processo de concepção de um projeto, as razões de economia, de técnica de verdade e sinceridade construtivas, surgem em plano muito secundário comparativamente às preocupações de índole artística.*

*A força dos preconceitos, a rigidez dos sistemas, a intolerância dos seus adeptos e praticantes, a escolha e devoção de um chefe e condutor, tais são os sintomas que fazem admitir esteja em franco processo de formação de um novo surto acadêmico que não chamaremos de clássico porque ainda não alcançou aquela “reconhecida excelência de estilo” (PINHEIRO, 1939, p. 634).*

Talvez, mais do que um surto acadêmico, estivesse criticando a falta de compreensão da visão moderna por parte de alguns arquitetos, que anulava os preceitos da vanguarda. Em vez da arquitetura assumir o espírito da época, um novo formalismo, agora “moderno”, falseava o próprio modernismo.

Ainda no artigo, ao discorrer sobre a idéia da estética moderna gratuita, o autor relaciona imagens de desenhos de arquitetos modernos com obras de arte moderna, condenando ambas como linguagens gratuitas. As imagens selecionadas pelo autor, em que coloca a legenda como “Croquis da figura humana – autoria de vários arquitetos modernos”, são recortadas de desenhos de Le Corbusier, Oscar Niemeyer e Carlos Leão, em seus projetos para o Ministério da Educação e Saúde Pública e Cidade Universitária, para o Instituto Nacional de Puericultura e o Colégio Pedro II, todos publicados na Revista da Directoria de Engenharia, número 4/volume 4, julho de 1937.

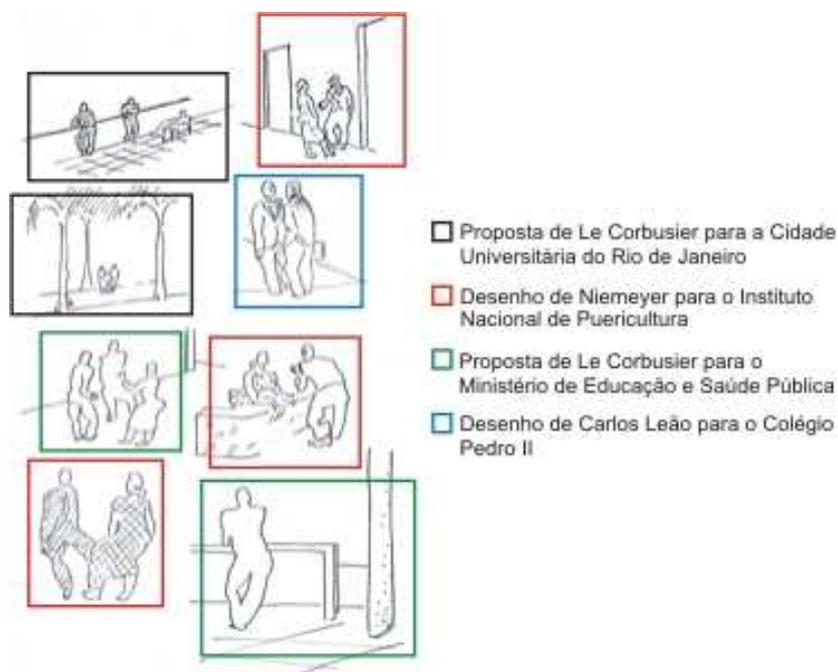


Figura 5 - “Croquis da figura humana – de autoria de vários arquitetos modernos”.

Fonte: ARQUITETURA E URBANISMO, v. 4, n. 5, p. 48, setembro/outubro de 1939.

Ao que parece, Pinheiro estava criticando a devoção ao “chefe e condutor” Le Corbusier, que se dava no plano dos maneirismos copiados e presentes até nas figuras humanas dos croquis dos projetos. O fato é que o arquiteto que até então vinha assiduamente escrevendo em defesa da nova arquitetura para o periódico Revista de Arquitetura, até com algumas aproximações com relação às formulações de Costa, calou-se por um tempo e voltou a escrever, desta vez para Arquitetura e Urbanismo, com outra postura.

Seus argumentos são severos em relação ao modernismo que ganhava forma com o MESP e, particularmente, à figura de Lúcio Costa. Manteve sua postura inicial em favor de uma “arquitetura racional”, sua crítica ia no sentido de afirmar que o maneirismo (surto acadêmico) moderno que Costa e o grupo do MESP praticavam era fruto de um desvirtuamento do pensamento moderno.

Outras passagens da revista fomentavam a difusão da nova arquitetura e sua consolidação no contexto de críticas e debates que se colocava. Um exemplo foi o artigo de Marcelo Roberto “Está Acabando a Incompreensão”, publicado em dezembro de 1937, em que relatou uma sucessão de fatos que contribuíam para que a arquitetura moderna encontrasse, enfim, naquele momento, condições propícias para sua ampla e incontestável aceitação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Retomando as discussões abertas por Pinheiro, é relevante ressaltar que ele saudou na Revista de Arquitetura a indicação de Costa para a direção da ENBA, realizando uma entrevista positiva com ele, por ocasião do Salão “Revolucionário” de 1931. Naquele momento, início dos anos de 1930, estava aberta a disputa com os tradicionalistas, neocoloniais e ecléticos. Assim, os modernos – Costa, Warchavichik, Reidy, Pinheiro e outros – formavam um pólo que, mesmo não possuindo unidade clara, para além da opção moderna (o que certamente não era pouca coisa), eram vistos, e agiam, como um grupo – o moderno.

O processo do MESP – concurso/cancelamento/contratação de Costa, vinda de Le Corbusier/formação da equipe – e os desdobramentos conhecidos se fizeram sentir de imediato, alterando a situação, ou tornando claras as diferenças entre os modernos. Talvez a condição de Pinheiro - terceiro colocado, único moderno selecionado do concurso e ausente na equipe de Costa (não se sabe os motivos) – traga alguns tons pessoais e mais emotivos ao processo.

Com o início da publicação da revista Arquitetura e Urbanismo (1936), observam-se as distinções dentro do próprio “grupo dos modernos”. Por um lado, ainda na Revista Municipal de Engenharia a postura que vinha conformando a vertente hegemônica da arquitetura moderna brasileira a partir do MESP, por outro o questionamento de Pinheiro sobre essa vertente em processo de consolidação, que para ele se configurava a partir de soluções formais e da busca por uma expressão nacional, que produzia um maneirismo moderno (surto acadêmico, nas suas palavras), distanciando-se dos princípios modernos.

Com o MESP parece que o pólo moderno, mesmo que ainda levasse alguns anos para uma hegemonia arquitetônica completa, já havia vencido a disputa com os “tradicionalistas” e, mais importante, iniciava uma disputa sobre outra hegemonia, entre os modernos.

Pinheiro posicionava-se, assim, criticamente em relação a essa hegemonia que vinha se consolidando. Suas críticas eram muito interessantes, mas, como foi dito anteriormente, careciam de explicitações. O fato de se ater a detalhes, os beirais, os pilares soltos e, mesmo, as figuras

humanas, não deixa de ter alguma propriedade e ser interessante, mas soa como um subtexto de algo que não era explicitado claramente.

O desfecho dessa disputa é sabido, e a própria revista vai retratando o sucesso das formulações de Costa, o que talvez surpreenda é o apagamento de Gerson Pinheiro pela historiografia. Os termos da disputa não ficam totalmente claros, pois faltam os exemplos de Pinheiro à formalização em obras. A sua crítica quanto a um excesso de formalismo, que foi se desvinculando da técnica e de sua compreensão para o desenvolvimento da linguagem moderna, é muito interessante, mas não foi desenvolvido em termos conceituais, além do que foi observado nos artigos. Novamente, a falta de obras e a ausência da discussão de programas concretos deixaram suas interessantes críticas em aberto.

## **BIBLIOGRAFIA**

BITTAR, W. "A Formação da arquitetura moderna no Brasil (1920-1940)". In: Anais do 6º Seminário DOCOMOMO Brasil. Niterói, 16 a 19 de novembro de 2005. <<http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/William%20Bittar.pdf>> acesso em 20 de maio de 2008, 18:43

COSTA, L. "Lúcio Costa: Registro de uma vivência". São Paulo: Empresa das Artes. 1995.

LE CORBUSIER. "Por Uma Arquitetura". São Paulo: Perspectiva. 194

\_\_\_\_\_. "Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo". São Paulo: Cosac Naify. 2004

LEÃO, C. "Colégio Pedro II". In: REVISTA DA DIRECTORIA DE ENGENHARIA, v. 4, n. 4, julho de 1937.

MARTINS, C. A. F. (Org.) "Arquitetura do século XX e outros escritos: Gregori Warchavchik". São Paulo: Cosac Naify. 2006.

NIEMEYER, O; CAMPOS, O. R.; REIS, J. S. "Instituto Nacional de Puericultura". In: REVISTA DA DIRECTORIA DE ENGENHARIA, v. 4, n. 4, julho de 1937.

PINHEIRO, G. P. (1934a) "A Profissão do Arquiteto". In: REVISTA DE ARQUITETURA, n. 1, maio de 1934: 14.

\_\_\_\_\_. (1934b) "Desfazendo um Equívoco". In: REVISTA DE ARQUITETURA, n. 1, maio de 1934.

\_\_\_\_\_. (1934c) "O momento brasileiro na arquitetura". In: REVISTA DE ARQUITETURA, n. 3, julho de 1934.

\_\_\_\_\_. (1934d) "Arquitetura sua origem e evolução". In: REVISTA DE ARQUITETURA, n. 4, agosto de 1934.

\_\_\_\_\_. (1934e) "Arquitetura Racional". In: REVISTA DE ARQUITETURA, n. 6, outubro de 1934.

\_\_\_\_\_. "Relativismo e Dogmatismo na Estética da Arquitetura Odierna". In: REVISTA DE ARQUITETURA, n. 11, abril de 1935.

\_\_\_\_\_. "Último Decênio na Arquitetura do Rio de Janeiro". In: REVISTA DE ARQUITETURA, n. 24, julho de 1936.

\_\_\_\_\_. "Estrutura Livre". In: REVISTA DE ARQUITETURA, v. 2, n. 4, julho/agosto de 1937.

\_\_\_\_\_. "Resumo a casa brasileira". In: ARQUITETURA E URBANISMO, v. 3, n. 3, maio/junho de 1938.

\_\_\_\_\_ “Clássico e Moderno”. In: ARQUITETURA E URBANISMO, v. 4, n. 5, setembro/outubro de 1939

REIDY, A. E. “Anteprojeto de um edifício destinado a conter dependências de Serviços Municipais”. In: REVISTA DA DIRECTORIA DE ENGENHARIA, v.1, n. 1, julho de 1932.

\_\_\_\_\_ “Projeto para construção da sede da Diretoria Geral de Engenharia”. In: Revista da Diretoria de Engenharia, v. 3, n. 11, julho de 1934.

ROBERTO, M. “Está acabando a incompreensão”. In: ARQUITETURA E URBANISMO, ano 2, n. 6, novembro/dezembro de 1937.

SEGAWA, H. (1999) “Arquiteturas no Brasil: 1900-1990”. São Paulo: EDUSP.